

# A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

PROPRIETARIO E DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

LISBOA

29, Rua das Gaveas, 31

REDACITOR PRINCIPAL E EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Ferruccio Busoni — Puvís de Chavannes (conclusão) — Theatro de S. Carlos — Notas vagas — João Manoel Gonçalves — Concertos — Noticiario

## FERRUCCIO BUSONI

E' hoje um dos mais prodigiosos concertistas de piano, assim como um dos mais celebres mestres da grande arte.

Os seus magnificos commentarios ás obras de Bach, tão instructivos etão notaveis pela concisão e clareza, são precioso auxilio para quem procura penetrar a fundo o espirito do grande contrapontista allemão.

Ferruccio Benvenuto Busoni nasceu na pequena cidade de Empoli, provincia de Florença, no 1.º de abril de 1866. Deve portanto passar, dentro de quinze dias, o seu 46.º anniversario.

Dotado de extraordinaria vocação musical que se manifestou desde a primeira infancia, começou aos seis annos a estudar musica debaixo da direcção dos proprios progenitores (Fernando Busoni, clarinettista, e Anna Weis Busoni, pianista), fazendo taes progressos que aos sete annos tomava parte n'um concerto realisado em Trieste; foi tambem n'esta cidade que em 1874 deu o seu primeiro concerto e no anno seguinte se apresentou como chefe de orchestra. Tinha 9 annos!

Busoni desde o principio da sua brilhante carreira de concertista, manifestou, uma

exclusiva tendencia para os grandes mestres classicos, e desde que começou a compor adoptou esses mesmos mestres para modelos nas suas composições.

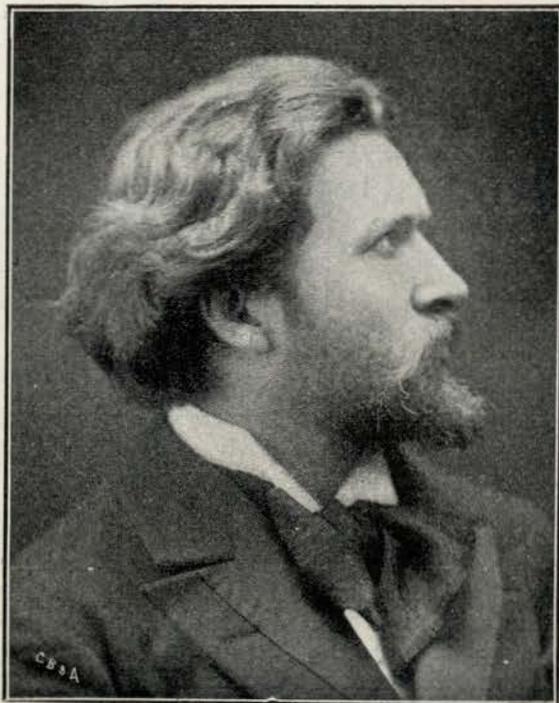
Em 1876 esteve em Vienna, onde teve occasião de apreciar Liszt, Brahms e Rubinstein. De 1878 a 1881 residiu em Graz, estudando contraponto com o doutor Mayer;

em tudo quanto tinha escripto antes tivera sómente por guia a propria observação e a leitura das obras didacticas de Fétis, Reicha e outros auctores.

Quando terminou os estudos com Mayer empreendeu uma digressão artistica em Italia, que o acolheu festivamente; em 1882 deu uma serie de 10 concertos na cidade de Bolonha, fazendo ali executar *Il Sabato del villaggio* (poesiade Leopardi), trabalho orchestral com còros que foi muito admirado; seguidamente quiz ser examinado pela Academia Philarmónica para receber

um diploma honorifico identico ao que foi concedido a Mozart, e nas mesmas condições de idade pois contava então 16 annos. Depois tem constantemente viajado percorrendo principalmente a Allemanha, e a fama das suas eminentes qualidades tem crescido progressivamente. Actualmente tem residencia fixa em Nova York de onde sahe com muita frequencia em excursões artisticas

Como compositor de estylo elevado e profundamente contrapontistico, tem publi-



cado: «As quatro estações», para còros e orchestra; Quartettos, para instrumentos de arco; Romanças; *Lieder*; e muitas composições para piano. A mais notavel d'estas é o Concerto para piano e orchestra, que obteve em S. Petersburgo o premio Rubinstein. São tambem notaveis as «Variações e Fuga» sobre um Preludio de Chopin assim como as quatro «Scene di Ballo».



## Puvis de Chavannes

(Notas de viagem)  
(Conclusão)

As suas decorações do *Pantheon* posto que tenham de ser mais precisas pela natureza do assumpto e pelas condições do edificio, reflectem o mesmo espirito de generalisação, attingindo n'um dos episodios da vida de Santa Genoveva uma intensidade de poesia, que difficilmente seria excedida. A Santa, encostada a um muro, junto da porta de uma pequena casa, dominando com a sua mystica figura a perspectiva da cidade de Paris, entrevista n'uma luz de luar, do mais poetico effeito, é de um ideal supremo. E' indiscriptivel o effeito que o artista conseguiu com meios tão simples, e com uma tão larga sobriedade. Ha a perfeita illusão do meio, n'uma noite calma e serena d'estio, sob a acção physica d'aquella luz, com a suggestão sentimental da hora, augmentada por a aparição da Sancta, que, sendo perfeitamente humana, se transforma, aos nossos olhos absortos n'uma extatica contemplação, na divindade sonhada pelo artista-poeta. Na boa Genoveva, que, do alto das nuvens que a cercam, preside aos destinos da sua cidade amada e protegida, o nosso espirito, dominado por a arte sublime de Chavannes, idealisa a Santa, que vela espiritualmente sobre a vida dos que estão sob a sua guarda e invocação!

Na sala do Hotel de-Ville que a municipalidade de Paris destinou exclusivamente ás decorações de Chavannes, encontra-se uma das suas obras primas «L'été», que desponta em outro grande *panneau*, em que está symbolisado o «Inverno».

*L'été* é uma preciosa composição em que a frescura da paisagem e das agoas, as esplendidas figuras de mulheres que occupam o primeiro plano, tudo se acha envolvido na atmosphera tão privativa do grande artista; difficilmente se concebe creação mais perfeita, mais humana e ao mesmo tempo mais repassada de sentimento, pelo desenho, còr e naturalidade d'attitudes, da mais bella impressão e execução. Aquellas tres figuras

de mulheres estão na nudez mais casta, definindo a grande elevação d'espirito do artista; a paisagem que compõe os ultimos planos, e que deixa apenas um pequeno espaço de céu, está tratada na evidente situação de dar todo o relevo a estas figuras, mantendo com ellas a maior harmonia, e marcando n'um ou n'outro logar pequenos episodios, a definirem trabalhos e occupações proprias da estação.

*L'hiver* é uma composição que dá absolutamente o effeito da epoca, representada e symbolisada em diversos grupos, envolvendo se todo o assumpto n'uma atmosphera cinzenta, ligeiramente tocada nos ultimos limites do horisonte por tons vagos de uma luz solar muito fria. E' uma paisagem da mais absoluta verdade.

Chavannes encontra sempre na composição dos seus quadros, na intenção dada á expressão d'uma figura, ou de um grupo, o symbolismo natural, humano, sem que seja essencial o attributo accessorio para definir a sua idéa. E' na disposição, na expressão moral, no perfeito accordo das personagens com o meio, que se constituem os elementos para a traducção integral na tela das suas vastas concepções. A realidade absoluta, quaesquer que sejam as durezas da observação, por vezes mesmo a violencia da idéa, está representada em Millet, sem que deixe de ser um poeta, com um pleno sentimento da natureza; a verdade servindo para interpretar estados particulares d'espirito e pondo em relevo essencialmente o fundo de bondade da nossa especie, tem em Chavannes um dos seus mais levantados interpretes. Puvis de Chavannes é o pintor romantico da raça humana, com um quid d'ideal, que não é o dos mestres do norte, nem dos italianos da Renascença, approximando-se mais dos primitivos, que precederam proxivamente os reformadores da pintura nos seculos 15 a 16; o seu ideal é formado por uma sciencia profunda, por o grande desenvolvimento do cerebro parallelo com uma extrema acuidade nas faculdades affectuosas, de um subjectivismo menos religioso e mais natural.

Ha n'elle um sentimento de religião, sem particularismo.

E', por assim dizer, uma synthese de tudo quanto póde existir de mais nobre no espirito humano, um ideal que não admite subjeição a formulas, como acontece na arte christã, e que paira sobre a arte como uma etherisação de tudo o que existe de bom e grande na alma humana.

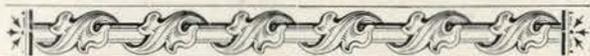
E' real e divino nas suas concepções; e quando nos faz ver no Hotel-de-Ville umas mulheres semi nuas, que sahem das aguas,

nós não sabemos se são umas virgens rusticas, se são umas santas, que ali vemos na nudez mais casta e mais respeitada, que pôde transplantar-se da realidade para a criação do artista.

E no Panthéon é ainda a mesma esthetica ideal na santa Genoveva, velando sobre a cidade de Paris; é realmente uma mulher que ali está, erecta, apoiada ao muro, que domina o seu Paris muito amado, envolvida na luz plena da lua que illumina toda a scena com uma côr tão poetica e tão sentida da hora avançada e serena, havendo comtudo aquelle quantum d'ideal que deixa a impressão de que existe a forma materialmente necessaria para revestir o espirito, que se desprende e nos envolve.

Chavannes por a sua obra, não é simplesmente um grande artista, o que já é muito; é ainda um grande consolador do espirito contemporaneo attribulado por a lucta constante, e como Victor Hugo na poesia, e Beethoven na musica, é uma criação da natureza a attestar do que são capazes, na conjuncção mais feliz, o trabalho intellectual e os grandes impulsos do coração.

J. R.



## THEATRO DE S. CARLOS

Na noite de 28 de fevereiro fez a sr.<sup>a</sup> Belincioni a sua despedida com a *Tosca*. Foi mais uma noite de applausos e de festa para a gentil artista, que no fim do espectaculo, acompanhando-se ao piano, cantou duas canções italianas, uma hespanhola e uma portuguesa.

Em 2 do corrente reapareceu na *Fedora* a sr.<sup>a</sup> Adelina Stehle, que em março de 1900 tivemos já occasião de ouvir na *Manon* de Massenet e na *Fedora*, com o tenor Garbin, como na presente epoca lirica. A sr.<sup>a</sup> Stehle é sensivelmente a mesma artista de então; apenas a sua voz se ressentiu um pouco de terem passado mais dois annos sobre ella.

*Lucia*, tendo por principaes interpretes a sr.<sup>a</sup> Regina Pacini e os srs. Anselmi e Kaschmann, foi o espectaculo com que este ultimo artista se despediu a 5 do corrente. Estamos em acreditar que foi tambem o ultimo da presente epoca lirica em que a temperatura da sala subiu a ponto dos applausos tomarem o aspecto de ovação, principalmente no concertante final do segundo acto, que foi repetido, tentando o auditorio fazer distinguir em especial Kaschmann, pela correcção e vigor com que lançou a proposta do sextetto.

Em 20.<sup>a</sup> recita extraordinaria foi cantada no dia 8 a opera do notavel director d'orchestra Luiz Mancinelli, *Hero e Leandro*, a cujo poema nos referimos no numero de 15 de fevereiro.

Mancinelli escreveu uma opera com todas as characteristics do estylo moderno, embora haja nella uns duettos d'amor a pediremos umas melodias apaixonadas, inspiradas e quentes, como as que Bellini sabia escrever. Mas isso é hoje quasi um impossivel, porque a inspiração melodica está subjugada pela preocupação constante de fugir ás vulgaridades, pela necessidade de mudar de rythmo, de variar os accordes, modular a cada passo e evitar seguir os processos antigos. E no emtanto, digamol'o com a maior franqueza, só as operas do velho repertorio são capazes de falar ao coração e levantar brados espontaneos de enthusiasmo, quando regularmente bem cantadas. Haja vista o que ainda na presente epoca lirica succedeu com os *Puritanos*, *Elixir d'amor* e *Lucia*. Comprehendemos e applaudimos a evolução moderna, que distribuiu á orchestra um papel bem mais importante do que tinha outr'ora. Mas a polyphonia orchestral de per si não é sufficiente; os variados effeitos obtidos pela combinação dos timbres dos differentes naipes de instrumentos são uma distracção para o ouvido e mais nada. Para fazer vibrar os sentimentos mais intimos do nosso *eu* é preciso mais alguma cousa: é precisa a quente vibração que o artista cantor nos transmite com as suas apaixonadas e comprehensiveis melodias. Desde que as melodias estejam saturadas de intervallos dissonantes, torturam-nos em lugar de nos delectarem e enthusiasmarem. Esta a grande verdade, que os mais arriegados á escola moderna não estão longe de confessar.

Na *Hero e Leandro* ha um primoroso trabalho de orchestração: ha córos muito bem tratados. Em toda a opera ha provas mais do que sufficientes da vasta erudição musical de Luiz Mancinelli. O côro em fuga a quatro vozes no final do segundo acto é uma pagina musical de grande valôr artistico. Nos outros córos, quer do primeiro, quer do segundo acto, ha responsabilidades a que a massa coral do theatro de S. Carlos não está habituada, fazendo com que a execução d'isso se resinta.

Na orchestração da opera ha effeitos sorprendentes, tornados mais sensiveis pela applicação da surdina aos instrumentos de corda e de metal, embora estes ultimos, d'um character tetrico, exijam ser empregados com muita parcimonia. A musica dos bailados do 2.<sup>o</sup> acto tem tambem muita

originalidade. A parte coreographica d'esses bailados é que se nos apresenta d'uma indolencia verdadeiramente oriental.

Na parte melodica ha trechos que mereceram a Mancinelli um cuidado especial. Estão nesse caso a phrase de Hero: *Triste colui che l'ora della morte*, em forma de canon entre a voz e o corne ingles; a *anacreontica* do tenor, a invocação á concha e os duettos d'amôr, onde os entendidos podem encontrar inspiração, tal como a permite o drama lirico moderno.

O desempenho, confiado a Stehle, Marchesini, Anselmi e Luppi, foi o melhor que nos era dado esperar com taes elementos. Luppi foi mesmo irreprehensivel na interpretação da parte do archonte. Os côros, apesar das difficuldades a que ha pouco nos referimos, deram provas da sua boa vontade. A orchestra não podia deixar de ser primorosa na execução da opera do seu maestro-director e ninguém melhor do que este podia dirigil'a. Por isso Mancinelli foi calorosamente applaudido, quer como compositor, quer como director d'orchestra.

A *mise en scène* da *Hero e Leandro* é nova e nada deixa a desejar.

Em recita avulsa a favor do cofre do Instituto ultramarino foi cantada no dia 10 a *Bohème* de Puccini, com o concurso de Regina Pacini, Garbin, Menoti e Pini Corsi. Só Regina Pacini podia fazer levantar a cançada e muito gasta *Bohème* do marasmo em que cahiu; só ella, revelando-se artista dramatica, pode com a sua privilegiada voz interessar-nos e fazer resoar na sala de S. Carlos estridentes e entusiasticos applausos.

ESTEVES LISBOA.



## NOTAS VAGAS

Cartas a uma senhora

XXXV

De Lisboa.

Começo esta, sentindo ainda no ouvido os accordes deliciosos de uma divina sonata de Beethoven, impeccavelmente tocada por essa grande pianista que toda a Lisboa musical conhece e já consagrou ha muito — a sr.<sup>a</sup> D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso.

É pois com a alma mergulhada n'um doce banho de poesia que procuro em volta de mim alguns assumptos deveras dignos de que sob elles pouse o seu luminoso olhar; e, da poeira d'ouro que um ou outro de si desprende, fixarei primeiro aquella que ao

longe nos deixa ver n'um deslumbrante nimbo o imperecível e adorado nome de Hugo, o grande avô, o colossal poeta

de verre pour gémir, d'airain pour résister...

Ah! como eu recordo, enlevado e grato, o dia, distante já, em que me foi dado ler aquella tão assombrosa e tão commovente epopeia da desgraça que se chama *Os miseráveis!*

Durante dias parei nas regiões immateriaes do Ideal; adorei Myriel e admirei Valjean, chorei com Cosette e amei com Marius; tive calafrios ao pensar em Javert e fremitos de entusiasmo a seguir Gavroche, esse immortal Gavroche cuja tragica mas heroica morte, me fez chorar e ao mesmo tempo me causou inveja.

Lembro-me que então o meu rosado sonho, o meu maior desejo, seria ver de perto esse venerando velho que para mim tomava as proporções de um Deus!

Depois, ao soletrar lhe os versos ou ao percorrer-lhe a prosa, parecia que pela primeira vez entrava n'um mundo illimitado e estranho, e era violentado que me arrancava a elle para ir a custo labutar na vida.

Annos passaram, e outros nomes vieram juntar-se ao d'elle; mas se muitos contribuíram para formar-me o espirito, nenhum mais do que elle me aqueceu a alma.

Conhece V. Ex.<sup>a</sup> documentos varios em simples ou rimada prosa que tal culto me provocou a espaços, por isso agora dir-lhe-hei apenas que toda a minha magua é ter-me Deus negado o dom de uma memoria viva, que ainda hoje me deliciaria eu proprio, repetindo os trechos de uma grandeza unica que elle para sempre esculpiu na sua formosa lingua.

Avaliará, portanto, com que religioso enlevo me associei em espirito a quantos outro dia saudaram a data de 26 de fevereiro de 1802, lamentando só que a nossa terra que alguma coisa fez, não houvesse no entretanto feito melhor...

Foi por mais de um titulo interessante a conferencia de Conseglieri Pedroso; lindas actrizes e um primacial actor disseram paginas do Mestre, ou ao Mestre; um superior artista modelou-lhe o busto; más tudo isso se me afigurou deficiente e morno, se attento no que o coração exigia lhe fizessesmos todos...

Depois, n'uma homenagem ao cantor supremo da liberdade e da justiça, do amor e da concordia, coisas por si tão musicalmente bellas, áquelle que tanto enriqueceu o rhythmico e tantas harmonias esparziu no mundo, a musica pura, a musica estreme,

não veio trazer um hymno ou entoar um cantico! E isso duplamente me entristeceu e me intrigou...

Mas enfim dir-me ha v. ex.<sup>a</sup> que a melhor musica se encontrava e se encontra na propria evocação de toda a sua obra, na conscienciosa leitura d'um simples pedaço que fosse dos seus versos d'ouro, da sua prosa ondeante...

E talvez tenha razão, pois desde que não pudesse trazer-se-lhe uma oblata digna, antes um discreto silencio e uma abstenção sensata...

Todavia sempre comprehenderá a razão do meu pezar...

\*

E não sei como eis que sou chegado ao fim d'esta sem d'outro assumpto lhe haver falado!

Que quer? Victor Hugo é tão grande que basta recordar-lhe o nome para tudo mais se esvaír em fumo, e é assim que desejando eu a proposito da execução em S. Carlos do afamado *Stabat mater* de Rossini, palestrar alguns minutos comsigo ácerca do encantador e estranho poeta franciscano, Jacoponi di Todi, auctor da letra, já hoje não lograrei fazel-o.

Mas d'esse, que grande senhor e grande mundano, acabou na simplicidade e na penitencia uma vida começada nas grandezas da terra, consumida depois em parte nas vanglorias do saber e nas dissipações do luxo por ultimo, transfigurada, a um sopro do divino amor, na mais doce, na mais eloquente, na mais communicativa irradição da Bondade que de peito humano póde provir, d'esse despretencioso trovador das estradas da Italia que flagellou pontifices e fustigou poderosos, que padeceu tormentos e procurou flagícios, alguma vez lhe contarei as lindas e suggestivas coisas que a historia, já meio entretrecida em lenda, d'elle amorosamente guarda.

De resto, foi poeta e precursor de Dante, e por aqui se liga ao fio que d'outro poeta vinha, pois do seculo XII ou do seculo XIX, e mysticos ou pagãos, poetas são afinal as grandes linguas de luz que eternamente nos falarão a todos de Amor e de Belleza e que conhece v. ex.<sup>a</sup> que no mundo valha mais?

AFFONSO VARGAS.



## GALERIA DOS NOSSOS

João Manoel Gonçalves



Já fallei aqui em certo grupo de artistas, de coração tão grande como o talento, que postergando os mais justos interesses materiaes e tendo em mira unicamente um puro ideal d'arte e a desafrenta generosa de uma classe trabalhadora e desprotegida como poucas, se lembraram um dia de dar o seu trabalho, o seu tempo, a

sua energia e a sua excepcional aptidão para realisar uma santa cruzada d'Arte, em que o respectivo quinhão de gloria nada tem sido em confrontação com o valór da dadiwa.

Tenho particular prazer em voltar ao assumpto e maior ainda em apontar-lhes n'este despretencioso medalheiro das nossas glorias musicaes, o nome de João Manoel, como modelo de artistas, pela bondade, pela constante promptidão, pela inalteravel bonhomia e acima de tudo pela scentelha sempre vivida de um talento raro, que não desfallece nunca nas suas mais variadas manifestações.

Porque João Manoel que nós todos conhecemos como um exímio tocador de fagote, é tambem um trompista emerito e creio que um cornetista de não menor merecimento.

E é por todos esses motivos que eu abro aqui esta profunda brecha na sua tradicional modestia...

SCHAUNARD

## CONCERTOS

O Atheneu Commercial do Porto commemorou o Centenario de Victor Hugo, em 26 do mez passado com um interessante Sarau em que tomaram parte D. Carlota Fereal, D. Leonilda Moreira de Sá, seu pae o insigne violinista Bernardo Moreira de Sá e ao piano de acompanhamento, o sr. Benjamin Gouveia.

\*

Foi muito reussie a sessão de alumnos a

que alludimos no numero anterior, em casa da distincta professora D. Palmira Mendes.

As obras mais importantes que se executaram foram a *Sonata* op. 14 (N.º 1) de Beethoven por Mad.<sup>elle</sup> Sarah Monteiro, uma *Sonata* de Schumann para violino e piano por D. Alice Silva e D. Palmira Mendes e uma *Polacca* de Chopin modelarmente executada no piano por esta illustre senhora.

Alem d'essas obras, cantou a sr.<sup>a</sup> D. Hermelinda Cordeiro a aria do *Samson* e *Dalila* e outros trechos, com unanime agrado e tocou a distincta violinista D. Alice Dias da Silva a *Fantasiestück* de Victor Hussla e a *Masurka* de Wieniawski.

O resto do programma foi prehenchido por varias discipulas de Mad.<sup>me</sup> Mendes, que mais uma vez provaram as excellencias do methodo de ensino da eminente profesora.

\*

O terceiro concerto de S. Carlos, effectuado na tarde de 2 constou do *Stabat Mater* de Rossini, das Symphonias de Guilherme Tell e Cleopatra, d'uma *suite* de L. A. Villanis e da 2.<sup>a</sup> Rapsodia hungara de Liszt.

Tudo obras archi-conhecidas, menos a *Suite* de Villanis, que seria melhor não conhecer, pois não tem realmente cousa alguma que a recomende.

Na execução do *Stabat Mater* houve numeros que attingiram uma relativa perfeição e que devem ser mencionados: o *Cujus animam*, em que Clement nos impressionou vivamente e os quartettos *Sancta Mater* e *Quando corpus* em que os solistas se mantiveram n'um bom equilibrio de sonoridade e deram, cada um na medida dos seus recursos, a devida côr ás diversas phrases que lhes incumbiam.

Os outros numeros não merecem talvez a honra da chronica, a não ser para lastimar que as massas coraes estraguem tudo ou quasi tudo em que teem de figurar.

Optima impressão nos fizeram as duas symphonias, em que a auctorisada batuta de Luiz Mancinelli soube tirar bons effectos e provar-nos quanto se poderia fazer com aquella orchestra, se quizessem dar um pouco mais de tempo e attenção ao preparo dos concertos.

Resaltou esta deficiencia na *rapsodia* de Liszt; a ponto de parecer a peça superior ás forças dos executantes. Não o será talvez mas o que é certo é que uma orchestra, que não esteja devidamente preparada para o trabalho symphonico não pode abordar sem um longo trabalho as peças de virtuosidade, como esta e arrisca-se a claudicar, como effectivamente succedeu.

\*

O ensaio mensal do *Orpheon Portuense* que teve logar na noite de 6, foi particularmente brilhante pela collaboração da já notavel pianista D. Virginia Suggia e do barytono brasileiro, C. Villaça que ha pouco esteve entre nós.

Alem d'estes valiosos elementos, tomaram parte uma orchestra de amadores e profissionaes e como solistas a sr.<sup>a</sup> D. Alda Maia e os srs. Elisio Annedda e Raul Marques Pinto.

\*

Nas salas do notavel professor Rey Colaço teve logar a 9 uma primorosa *matinée d'élèves* em que tomou parte a interessante filha do abalisado pianista e as meninas Mouchet, Iréne de Gonta, Bruno, Alzina, Sommer, Alves da Costa, Verol, Correia, Folque, Freire, Pacheco, Silva Pereira e D. Leonor Atalaya

Algumas d'estas já distinctas amadoras tocaram em concurso a *Novellete em re* de Schumann, cabendo a melhor classificação a Mesd.<sup>elles</sup> Alzina e Correia.

A distincta amadora de canto a sr.<sup>a</sup> D. Laura Wake Marques cantou trechos de Beethoven e Chopin e o sr. Eduardo Burnay tocou com Rey Colaço o difficil *Scherzo* de Saint-Saens.

\*

No mesmo dia realisava-se o 4.<sup>o</sup> concerto no theatro de S. Carlos, sendo o programma identico ao do terceiro, com a feliz supressão da *Suite* de Villanis.

A execução foi mais nitida que no concerto anterior.

\*

Com um estrondoso exito e como uma assistencia tão distincta como numerosa, realisou-se na terça feira, 11, o quinto concerto da Escola de Musica de Camara, que apezar dos obices com que tem habitualmente a luctar no nosso paiz todo o emprehendimento de arte bôa, sã e desinteressada, tem sabido triumphar brilhantemente de todas as difficuldades e continua trabalhando cada dia com mais ardor e enthusiasmo.

O concerto de 11 foi mais um passo glorioso para a Escola, pela optima organização do programma, pela superior execução de todos os numeros e pelo concurso inestimavel de uma das nossas primeiras pianistas, a sr.<sup>a</sup> D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, cuja presença entre os fundadores da Escola tem, alem de tudo, uma alta significação de appoio, com que os promotores

d'estes concertos não podem deixar de estar legitimamente desvanecidos.

Dizendo que a sr.<sup>a</sup> D. Elisa interpretou primerosamente a parte de piano de todo o programma, não fazemos decerto surpresa aos nossos leitores; podemos porém acrescentar que no *minuetto* da Sonata e no *andante* do Quartetto poz a illustre pianista notas de tão expontanea commoção que subjugou por completo o seu auditorio, assim como suscitou a mais sincera admiração no escabroso *final* de Sonata, de uma difficuldade espantosa e no *allegro* do Quartetto, que demanda muita firmeza no ataque e uma grande precisão em todos os detalhes.

A distincta concertista foi muito victoriada como é natural e foi-lhe offertada pela direcção da Escola, e em nome d'esta, uma floreira de bronze dourado, no estylo Imperio, adornada com formosissimas rosas.

Não podemos fechar este artigo sem endereçar os nossos emboras aos srs. Benetó, Miguel Ferreira, Lamas e D. Luiz da Cunha pela superior execução dada ao *Quartetto* de Schubert, a primeira das peças para instrumentos de arco que a Escola tem apresentado até hoje. Não se pode exigir mais afinação, unidade, *carrure* e elasticidade de som do que evidenciaram os illustres musicos em quasi todo o quartetto; e dizemos propositadamente *quasi todo* para significar que se o *Adagio* correspondesse aos primores de execução com que tudo o mais foi apresentado, seria este quartetto uma das obras que teriamos ouvido traduzir melhor em concertos d'esta natureza.

Os mesmos artistas tiveram nova occasião de evidenciar o seu valor no *Quartetto* de Mozart e o professor Benetó esteve á altura da sua reputação e do seu merecimento na *Sonata* de Beethoven, a que anteriormente ludimos.

Esta bella festa d'arte teve lugar no salão nobre do Theatro de D. Maria.

\*

Na quarta feira teve lugar o 3.<sup>o</sup> concerto da Real Academia de Amadores de Musica, apresentando-se a solo os distinctos violinistas Henrique Sauvinet na *Meditation* de Thaïs e Raul Pereira na *Ballade et Polonaise* de Vieuxtemps.

O illustre tenor de S. Carlos, Edmond Clement, tambem figurava no programma com as romanças *Si j'étais jardinier* de Chaminade, *La neige* de Bemberg e *Il primo amore* de Widor.

A' orchestra competiram as seguintes obras; — abertura do *Stradella* de Flotow,

*Scènes pittoresques* de Massenet e *largetto* da 2.<sup>a</sup> *Symphonia* de Beethoven.

Não podemos dar conta da execução, por nos ter sido absolutamente impossivel assistir ao concerto.

\*

Na proxima terça feira 25 tem lugar no salão do Conservatorio o concerto do exímio pianista Rey Colaço.



### Do paiz

Consta que fixará a sua residencia em Portugal o maestro de cōros Marco Foá, afim de dedicar-se á leccionação do *bel-canto*.

•

Abriu um curso de violino no Porto o distincto rebequista Joaquim Gonçalves, concertino do theatro de S. João, d'aquella cidade.

### Do estrangeiro

**De Leipzig**—(*directamente*)—Em um dos ultimos números noticiamos erradamente que a estatua de Wagner se devia erigir em Leipzig. É em Berlim que este monumento se deverá brevemente levantar á memoria do celebre reformador allemão,

— O repertorio lyrico tem consistido unicamente nas seguintes operas: — *Tanhauer*, *Lohengrin*, *Walkiria*, *Crepusculo dos Deuses*, *Obéron*, *Freyschutz*, *Fidélío*, *Czar und Zimmerman* e como novidade o *Orestes* de Felix Weingartner. Isto pelo que respeita ás operas allemans; das estrangeiras tem-se cantado o *Samsão e Dalila* de Saint-Saens a *Louise* de Charpentier e outras de menor importancia.

— Heinrich Zöllner foi definitivamente nomeado professor do Conservatorio. A sua cadeira é de Composição livre.

— O apanhamento das principaes obras executadas nos concertos durante esta quinzena é o seguinte:

**Musica symphonica**: — Les Preludes de Liszt e as symphonias de Brahms, Beethoven (dó menor), Schubert, Brückner, Mozart (Jupiter) e Tschaikowsk (*pathetica*).

**Musica de Camara**: — Quintetto das Trutas, quartetto de Mozart para instrumentos de sopro, trio op. 70 de Beethoven, sonatas de Beethoven (op. 109) e de Chopin (op. 58), ambas para piano só e uma sonata de R. Strauss para piano e violino, de uma difficuldade extrema e bastante transcendente na contextura,

*Piano* : — Concertos de Chopin, Mozart, Beethoven, Mendelssohn, Liszt, Field, fantasia de Schumann, impromptu de Schubert (op. 90-num.º 2), Ballada e Concertstück de Reinecke, toccata de Bach, capricho brilhante de Mendelssohn etc.

*Violino* : — Concertos de Brahms, Mendelssohn e Ernst.

*Violoncello* : — Concerto de Klughardt.

*Orgão* : — Fantasia e fuga de Richter e outras peças.

Segundo noticias que acabamos de receber de Bruxellas, tem corrido ali muito animada a *season* dos concertos. Entre as variadas audições que se dão quotidianamente na capital belga, citam-nos dignas de nota as do grande Ysaye e de Marie Bruno, o concerto classico que se deu a 9 d'este mez sob a direcção de Huberti e as audições do Conservatorio.

Em uma d'estas ultimas ouviu-se uma interessante peça de Bach para violino, flauta oboé e corneta, com orchestra; mas a corneta é em *fá agudo* e foi preciso construir expressamente um pequeno instrumento de um palmo de comprido, cujo timbre, como se pode suppor, não pecca pela excessiva doçura.

Chegam-nos noticias e programmas de duas esplendidas audições que o glorioso pianista portuguez Vianna da Motta, organizou em Berlim, na sala Bechstein.

A 1.ª realisou-se em 1 d'este mez e os jornaes allemães que habitualmente recebemos são unanimes em tecer ao nosso illustre compatriota louvores incondicionaes. O programma constou de cinco das *Prières* de Alkan, transcriptas pelo proprio Vianna da Motta, uma *Barcarola* e dois *Scherços* de Chopin, a *Sonata* de Liszt e o *Carnaval* de Schumann.

No segundo concerto, que se realisa na data de hoje, executa o notabilissimo artista uma *Aria* de Bach, com 30 variações, a *Apassionata* de Beethoven e tres obras de Liszt.

Passou no dia 20 de fevereiro o centenario de um dos maiores mestres do violino, Carlos de Beriot, o fundador da escola belga; o *Guide Musical* lastima que ninguem na Belgica se tivesse lembrado de comemorar por qualquer modo aquella data, ao passo que ella foi consagrada por extensos artigos em muitos jornaes da Allemanha.

Beriot foi o predecessor de Vieuxtemps e Leonard, dando principio á grande escola

que tem produzido Ysaye, Thomson, Henri Marteau, Marsick e tantos outros notaveis violinistas da actualidade.

O conselho municipal de Londres incluiu no seu orçamento a quantia de 12:500 libras para gratificar as bandas de musica que tocarem nos cincoenta jardins publicos que tem a cidade.

A Academia de Bellas Artes de França determinou que as alumnas do Conservatorio podem concorrer ao grande premio de Roma exactamente como os alumnos; até agora muitas teem frequentado o curso de composição e algumas se teem tornado compositoras distinctas, mas era-lhes vedado fazerem a viagem a Roma por conta do Estado.

Mais uma producção theatral de Massenet, que obteve extraordinario exito; intitula-se *Le Jongleur de Notre Dame* e representou-se no pequeno theatro de Monte-Carlo em 18 de fevereiro passado.

D'esta vez o cantor da Virgem e de Maria Magdalena deixou de celebrar as virtudes, belleza e amores da mulher, escrevendo a musica para um drama mystico em que não figura uma unica mulher.

E todavia essa musica é igualmente encantadora, cheia de poesia e delicadeza como quasi toda a que tem produzido o inspirado compositor.

Por uma nova lei approvada ultimamente nas Camaras de França os chefes de bandas militares ficam divididos em tres classes com as seguintes categorias: os chefes de 1.ª classe são equiparados aos officiaes de 1.ª classe da administração militar (capitães); os de 2.ª consideram-se officiaes de 2.ª classe (primeiros tenentes) e os de 3.ª são officiaes de 3.ª (segundos tenentes). O quadro comprehende 95 chefes de 1.ª classe, 100 de 2.ª e 3.ª, competindo-lhes os respectivos accessos por antiguidade e distincção.

A municipalidade do XVIII *arrondissement* de Paris tomou a iniciativa da criação de cursos municipaes gratuitos de musica instrumental, para adultos dos dois sexos. Estes cursos, que se realisam aos domingos de manhã, são dirigidos por artistas de valor, todos antigos primeiros premios do Conservatorio.